
CARTOGRAFIA COMO ENUNCIÇÃO DO VIVER

CARTOGRAPHY AS NA ENUNCIATION OF LIVING

LA CARTOGRAFÍA COMO ENUNCIACIÓN DEL VIVIR

Bruno Muniz Figueiredo Costa¹

Jader Janer Moreira Lopes²

Diego Corrêa Maia³

RESUMO: Nas geografias das vidas, há muitos delineamentos possíveis para expressar e enunciar o vivenciado. A Cartografia é mais um deles, mais uma linguagem sistematizada ao longo da história filogenética humana. Este artigo tem a pretensão de apresentar vivências cartográficas observadas nos territórios mineiro e paulista, sendo a primeira uma investigação de pós-douramento e a segunda uma experiência formativa para professores pedagogos. Tais experiências estão ancoradas nos pressupostos das teorias histórico-culturais e bakhtiniana. Nesse sentido, é possível constatar que tais vivências cartográficas são criações sociais, que emergiram em diferentes espaços e tempos e, em conjunto com outras escrituras, são saberes que convergem em muitos artefatos culturais.

Palavras-chave: Cartografia. Vivência. Teoria histórico-cultural e bakhtiniana.

ABSTRACT: In the geographies of lives, there are many possible designs to express and enunciate what existed. Cartography is just one more of them, another language systematized throughout human phylogenetic history. This article intends to illustrate the cartographic experiences observed in the territory of Minas Gerais and São Paulo, the first being a post-gilding investigation and the second elucidates a formative experience

1 Graduado em Geografia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF); Mestrado em Educação pela Universidade Federal Fluminense (UFF); Doutorado em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (USP); Professor do Colégio de Aplicação João XXIII – UFJF. Membro do Grupo de Pesquisas e Estudos em Geografia da Infância (GRUPEGI/CNPq). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6506-1109>. E-mail: bruno.muniz@uff.edu.br.

2 Graduado em Geografia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (1989), mestrado em Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora (1998), doutorado em Educação pela Universidade Federal Fluminense (2003) e pós-doutorado pelo Internationaler Promotionsstudiengang Erziehungswissenschaft/Psychologie- INEDD, da Universität Siegen, Alemanha. Pesquisador da FAPERJ, CNPq e CAPES, coordena o Grupo de Pesquisa e Estudos em Geografia da Infância- GRUPEGI (CNPq/UFF/UFJF). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3510-8647>. E-mail: jjanergeo@gmail.com.

3 Graduado em Geografia pela Unesp Rio Claro (SP); Mestrado e Doutorado pela Unesp Rio Claro (SP); Professor Associado I do curso de Geografia da Unesp Rio Claro (SP) e coordena do Núcleo de Ensino de Geografia e Didática (CNPq/NEGED). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3286-9256>. E-mail: d.maia@unesp.br.

Agradecimentos à FAPESP e FAPEMIG pelo auxílio concedido.

Artigo recebido em março de 2021 e aceito para publicação em maio de 2021.

for pedagogical teachers. Such experiences are anchored in the assumptions of historical-cultural and bakhtinian theory. In this sense, it is possible to verify that such cartographic experiences are social creations, which emerged in different spaces and times and, together with other scriptures, are knowledge that converge in many cultural artifacts

Keywords: Cartography. Experience. Historical-cultural and bakhtinian theory.

RESUMEN: En las geografías de las vidas hay muchos diseños posibles para expresar y enunciar lo que existió, la cartografía es solo uno más de ellos, otro lenguaje sistematizado a lo largo de la historia filogenética humana. Este artículo pretende ilustrar las experiencias cartográficas observadas en el territorio de Minas Gerais y São Paulo, siendo la primera una investigación postdoctorado y el segundo una experiencia formativa para profesores pedagógicos. Tales experiencias están ancladas en los supuestos de la teoría histórico-cultural y bakhtiniana. En este sentido, es posible constatar que dichas experiencias cartográficas son creaciones sociales, que surgieron en diferentes espacios y épocas y, junto con otras escrituras, son conocimientos que convergen en muchos artefactos culturales.

Palavras chave: Cartografia. Experiencia. Teoría histórico-cultural y bakhtiniana.

QUANDO OS MAPAS DIALOGAM COM AS GEOGRAFIAS DAS VIDAS

Precisamos de uma estética do frio, pensei. Havia uma estética que parecia mesmo unificar os brasileiros, uma estética para a qual nós, do extremo sul, contribuíamos minimamente; havia uma ideia corrente de brasilidade que dizia muito pouco, nunca o fundamental de nós.

Sentiamo-nos os mais diferentes em um país feito de diferenças. Mas, como éramos? De que forma nos expressávamos mais completa e verdadeiramente? O escritor argentino Jorge Luís Borges, que está enterrado aqui em Genebra, escreveu: a arte deve ser como um espelho que nos revela a nossa própria face. Apesar de nossas contrapartidas frias, ainda não fomos capazes de engendrar uma estética do frio que revelasse a nossa própria face. (VITOR RAMIL, 2004)

A epígrafe que escolhemos para abrir este texto é do compositor brasileiro Vitor Hugo Alves Ramil, conhecido artisticamente pelo seu primeiro e último nome, nasceu na cidade de Pelotas, no Rio Grande do Sul. Essa passagem faz parte de uma conferência ocorrida na cidade de Genebra, ano de 2003, intitulada a “Estética do Frio”.

O compositor ficou conhecido no país e no exterior ao nos fazer refletir que a estética tropical tão presente em nossos imaginários geográficos, encobrem um conjunto de paisagens que se invisibilizam quando determinadas narrativas se tornam hegemônicas. Suas composições e todas as produções que buscaram materializar outras estéticas paisagísticas, como o documentário a “A Linha Fria do Horizonte” (2011), retratam as diferenças que se fazem na superfície terrestre e como nossas relações com essas diversidades nos criam em nossas geografias.

O autor vai além, busca distorcer os territórios historicamente construídos e que separam por linhas reais, imaginárias e oficiais os países que se encontram com o Sul do Brasil, na região do Prata, ao propor a existência do *Território da Ilex Paraguariensis* (a *Ilexândia*, referência

ao nome científico da erva mate), nos força a sentir os valores de um espaço marcado por outras estéticas de viver: a milonga, longas planuras, o frio e tantas outras coisas, registram uma forma de existir e habitar esse mundo. São paisagens que fazem as geografias da vida.

Escolhemos essas palavras de Ramil por serem, seus enunciados no mundo, formas de se colocar em resposta ao viver e com elas levantamos uma questão, em torno da qual esse texto irá se construir: – Como a Cartografia, enquanto campo de conhecimento que se faz nos bancos escolares da Educação Básica, do Ensino Superior, em Gabinetes e em tantos outros espaços, dialogam e registram essas variadas diferenças?

Nesse sentido, agregamos à pergunta anterior, outras: – Quais vidas estão registradas nas cartografias que circulam entre nós, entre as crianças, entre jovens, adultos e pessoas de maior idade? Em nossos diversos segmentos sociais, que vozes anunciam ou silenciam?

É sobre esse encontro, entre geografias da vida e a cartografia como artefato social, como linguagem humana forjada na cultura e forjadora de cultura que esse texto se arquiteta.

ENUNCIÇÕES E REGISTROS CARTOGRÁFICOS

[...] As legendas dos mapas são tão belas que dispensam as viagens. Você está louca, dizem-me, um mapa é um mapa.

Não estou, respondo. O mapa é a certeza de que existe O LUGAR [...] (ADÉLIA PRADO, 1991)

A certeza de que o lugar existe! Essa afirmativa de Adélia Prado tem uma pujança geográfica que se faz em palavras poéticas. É sua forma de ser e estar no mundo, de dizer sobre ele: são frases que, ao se fazerem em poemas, se escrevem em linhas como escolhas dessa mineira de Divinópolis. É sua enunciação.

E o que significa pensar os registros cartográficos como enunciação?

Bakhtin (2010) destaca a natureza social das enunciações, que são sempre direcionadas ao outro. É na interlocução que o sujeito se constitui como tal, pois é no outro que ele se completa, a partir de seu excedente de visão. Nessa perspectiva, o outro desloca o sujeito do seu lugar, visto que também enuncia e responde, numa dimensão de alteridade que comporta um caráter axiológico e de compreensão, entonação, réplica em constante tensão.

Vigotski (2018) também nos ajuda a afirmar o ser humano como ser que constitui sua humanidade na linguagem e no meio social. O nascimento é a inclusão de um novo indivíduo na história filogenética humana (história da espécie), onde se desenvolverá sua ontogênese (história do indivíduo) na sociogênese (meio social). Nesse sentido, ao vivenciar a unidade entre humano e meio, temos no espaço geográfico, produção das múltiplas possibilidades de ser humano e das coexistências simultâneas, importante dimensão de nossa humanidade. Vivências de espacialidades que são comunicadas na vivência e que, inclusive, podem ser narradas cartograficamente.

Pensar a cartografia como enunciação do viver é considerá-la como uma linguagem que vela e desvela a espacialidade da vivência, expressando verdades que são incessantemente mutáveis, pois assim é a condição humana. Nela, o sujeito enuncia suas vivências preenchidas pela pluralidade de vozes que marcam a sua trajetória, em que assume uma posição de escuta e resposta ao outro, tornando o mapa um acontecimento social discursivo, pois o enunciado, enquanto unidade de comunicação e da existência humana, é afetado pela vida do falante, do ouvinte e de todo o contexto enunciativo em que se estabelece.

Como qualquer linguagem é sempre fruto de relações sociais, são sempre respostas a palavras já ditas na historicidade e geograficidade do existir; olhar para qualquer “palavra”, aqui compreendida em seu alargamento cultural, é olhar para uma arena, onde a ancestralidade se faz presente, mas também o momento em que ela se presentifica, assim como aponta para um vir a ser, uma potência de ser recriada. O mapa, ou qualquer elemento social, como artefato da cultura, é uma palavra para onde convergem muitos fluxos sociais, políticos e econômicos. Sua aparente estabilidade, tentativa de cristalização de qualquer discurso que busca se tornar hegemônico, encobre muitas camadas de vidas outras.

Por isso, nossas pesquisas têm nos levado a refletir sobre como orbita em torno da Cartografia um exercício de poder cujas origens remontam aos primórdios da Modernidade. Em sua tentativa de conceber sobre o mundo uma narrativa única, que conquista e dizima a diferença, tal exercício de poder tenta silenciar nos registros cartográficos as enunciações de muitos sujeitos que vivenciam e produzem o espaço geográfico, bem como de povos e outras formas de se registrar o espaço.

Ler um mapa, pressupõe que ele seja escrito. Sob o paradigma da cientificidade, as vivências humanas são cartografadas por técnicas que buscam organizar, definir e fixar significados sobre o espaço geográfico, que se constitui em constante processo. Trata-se do exercício de um poder que só comporta a unissonância e a uniformidade e concebe mapas que desconsideram os cheiros, sons, a oralidade, as vivências humanas no mundo, a amplitude de uma diversidade e diferença que se tornam etéreas ao se propor uma narrativa única, uma linguagem que se fossiliza como verdade, como apontam Mello, Lopes, e Lima (no prelo), ao abordar o constante ignorar das formas de pensar que envolvem as crianças:

Para, nós que nos debruçamos sobre a filosofia da linguagem, especialmente aquela que tem como base a pesquisa filosófica de Mikhail Bakhtin e seu Círculo, a grande problemática da falta de consideração ao *logos* infantil tem suas raízes na própria relação que o ocidente passou a estabelecer, a partir dos séculos XV-XVI, com a linguagem enquanto sistema de representação. Como manufaturas de um mundo que se expandia, paisagens e territórios eram erguidos seguindo a lógica de um centro que se irradiava para espaços outros, ceifando existências e saberes e, na busca de impor sua hegemonia, dois vocábulos se fundem: a representação passa a ser sinônimo de verdade. É assim que, por exemplo, que mapas confeccionados do mundo passam a ser o mundo, que a palavra se endurece, se congela, se petrifica em sons, fonemas, consoantes e vogais, as linguagens se fazem em geologias, fósseis presentes no mundo social, em alguém que fala, em possíveis escutas, situadas em estratos fora do humano.

A linguagem como representação e, aqui, cabem as muitas linguagens humanas, inclusive a cartográfica, passam a ser vistas como expressões de “ordenamento e [d]a medida do real, ao mesmo tempo que se faz como realidade, fez com que a tomássemos, no final do século XIX, já como sistema categorial, modo pelo qual o pensamento organiza o factual como veracidade”, segundo os mesmos autores.

É nesse panorama que as diferenças e as muitas diversidades de saberes, formas e suportes materiais para registrar a vida no espaço se embaçam ou quando muito, são alocadas em uma perspectiva evolucionistas, adjetivadas por vocábulos que alocam essas cosmologias singulares em uma linha de tempo marcado por uma cronologia, que as

evidenciam por suas desigualdades. Não é raro, um curso de cartografia (em qualquer segmento educativo) iniciar-se, por exemplo, a partir dos mapas ditos “primitivos”.

A invenção da modernidade, de “[...] uma Europa moderna, como vêm alardeando diversos autores [...], é inseparável de um pensamento colonial” (LOPES, 2009. p. 125), onde hierarquias de tempos e espaços (e as manifestações sociais que ali ocorrem) também se ajustam a cronologias que subalternam, a “invenção do europeu civilizado é, ao mesmo tempo, a invenção do não civilizado; portanto, do selvagem (aquele que habita a selva)” (Ibidem) e, claro, do primitivo. É nesse sentido, que qualquer palavra é marcada pelas camadas e os muitos sedimentos que a fizeram varar os tempos e os espaços.

Mas, como bem nos lembra o poeta, essas planificações do mundo hão de ser questionadas:

Sei [que] traçar no papel
é mais fácil que na vida.
Sei que o mundo jamais é
a página pura e passiva.
O mundo não é uma folha
de papel, receptiva:
o mundo tem alma autônoma,
é de alma inquieta e explosiva.

João Cabral de Melo Neto. Auto do Frade.

Nossa compreensão é de que a inquietude do mundo se dá nas vivências humanas e suas Geografias. Falamos de um espaço como instância ativa de nosso ser e estar no mundo, constituído nos entrelaçamentos de nossas vivências contextualizadas socialmente e em nossas singularidades em processo, espaço esse aberto às múltiplas possibilidades de ser humano, como manifestação plena de nossa experiência.

Reconhecemos na Cartografia a linguagem privilegiada das enunciações dos processos geográficos. Daí a importância de buscarmos produções cartográficas que optem pelo diálogo, centralizadas na perspectiva do outro e não a ele indiferente. Não falamos em hierarquias de saberes, mas em diferenças constitutivas, que guardam as muitas ecologias humanas que são plurais. Naquilo que Boaventura de Souza Santos (2002) nomeou como rompimento de monoculturas de saberes, para uma deixar emergir essa ecologia de saberes, algo fundamental, pois:

[...] quanto mais experiências estiverem hoje disponíveis no mundo, mais experiências são possíveis no futuro. Quanto mais ampla for a realidade credível, mais vasto é o campo dos sinais ou pistas credíveis e dos futuros possíveis e concretos. Quanto maior for a multiplicidade e diversidade das experiências disponíveis e possíveis (conhecimentos e agentes), maior será a expansão do presente e a contração do futuro (idem, p. 259).

E a cartografia como linguagem não pode estar fora disso. É nesse movimento histórico e geográfico, que rompem com linearidades e hierarquias que subjugam, que esse campo de conhecimento deve situar-se, na certeza de que a linguagem, a enunciação, é uma forma de existir no mundo.

Lembremos uma nota de Mia Couto (2011), intitulada, “O guardador de rios”:

Depois da Independência, um programa de controlo dos caudais dos rios foi instalado em Moçambique. Formulários foram distribuídos pelas estações hidrológicas espalhadas pelo país e um programa de registo foi iniciado para os mais importantes cursos fluviais. A guerra de desestabilização eclodiu e esse projecto, como tantos outros, foi interrompido por mais de uma dúzia de anos. Quando a Paz se reinstalou, em 1992, as autoridades relançaram o projecto acreditando que, em todo o lado, era necessário recomeçar do zero. Contudo, uma surpresa esperava a brigada que visitou uma isolada estação hidrométrica no interior da Zambézia. O velho guarda tinha-se mantido activo e cumprira, com zelo diário, a sua missão durante todos aqueles anos. Esgotados os formulários, ele passou a usar as paredes da estação para grafar, a carvão, os dados hidrológicos que era necessário registar. No interior e exterior, as paredes estavam cobertas de anotações e a velha casa parecia um imenso livro de pedra. Orgulhoso, o guarda recebeu os visitantes à entrada e apontou para a madeira da porta: — Começa-se a ler por aqui, para ir habituando os olhos ao escuro (COUTO, 2011, p. 6).

Habituemos nossos olhares aos registos apagados! Vamos a eles!

ESTÉTICAS DO VIVER, DIFERENÇAS E CARTOGRAFIAS

Como expresse anteriormente, olhamos para as “Cartografias como as Estéticas do Viver”, pelas diferenças que se fazem em muitos espaços e tempos. Haveria muitas experiências para relatar, vivências ocorridas em alguns locais e espaços institucionais, onde desenvolvemos nossa docência. Escolhemos dois relatos para serem compartilhados.

Uma das experiências ocorreu no município de Juiz de Fora (MG), onde procuramos compreender as dinâmicas dos lugares de infância de diferentes gerações, na pesquisa intitulada *Mapas Vivenciais Geracionais de Juiz de Fora/MG*.

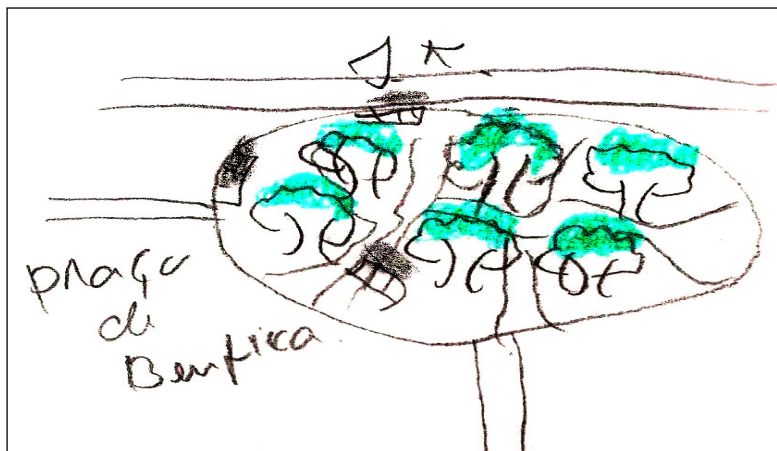
Assumimos o conceito de *perejivanie* (vivência) em Vigotski (2018). Para esse autor, a vivência é a unidade entre humano e meio, por meio da qual podemos compreender os processos humanos.

Vivência é uma unidade na qual se representa, de modo indivisível, por um lado, o meio, o que se vivencia – a vivência está sempre relacionada a algo que está fora da pessoa –, e, por outro lado, como eu vivencio isso. (...). Dessa forma, sempre lidamos com uma unidade indivisível das particularidades da personalidade e das particularidades da situação que está representada na vivência (VIGOTSKI, 2018, p. 78).

A partir desse conceito, utilizamos como estratégia cartografar as vivências que nos possibilitam acessar os significados atribuídos pelos sujeitos ao geográfico de suas vivências, às interpretações e valorações atribuídas aos diferentes espaços vivenciados em sua trajetória. Reconhecendo os sujeitos na interface de suas singularidades e coletividades, temporalidades e espacialidades, cartografar as vivências toca em suas lógicas próprias de olhar o mundo e produzem mapas dotados de vida, de movimento, para muito além de uma representação.

Segundo Lopes, Costa e Amorim (2016, p. 237), o registro das vivências tem como pressuposto contemplar a visão do mundo pelas crianças. Especialmente nessa perspectiva cartográfica, a separação entre o conteúdo-sentido e a vida real somente são compreendidos por meio de uma percepção estética que lida com o ato como evento na singularidade de uma totalidade irrepetível, pensado a partir do domínio da vida e também da cultura.

Solange (65 anos), ao retomar suas memórias de infância, nos fala da praça do bairro Benfica (Juiz de Fora/MG) e suas vivências da infância, conforme podemos observar na Figura 1.



Fonte: Arquivo Grupegi, 2017.

Figura 1. Mapa vivencial – Solange.

Pesquisador: Qual é o lugar mais importante da sua infância em Juiz de Fora?

Solange: Hum... tá. É Benfica. Eu passei a minha infância em Benfica.

(...)

Solange: Ali eu fiz tanta coisa... (risos) tanta arte... tanta bagunça... pode ser a pracinha? A pracinha já foi infância, já foi adolescência... apesar que... (...) eu vou registrar a pracinha, né?

Pesquisador: Então esse é um lugar de infância que a senhora considera o mais importante... (...).

Solange: Bom a pracinha tinha várias árvores, né? (...). Bancos, né? Era uma pracinha até muito legal em vista de hoje né? Então... eram muitas árvores! (...). Olha, era assim... uma pracinha divertida, entendeu? Você podia andar... antigamente era muito livre e você podia brincar, tinha muita criança durante o dia... crianças, jovens e... eu ficava por ali, rodando ali... rodava Benfica inteiro! (...). Onde tinha turma de moleque eu tava no meio (risos).

Nota de campo. Solange (65 anos, Juiz de Fora, 2017)

Solange nos fala de vivências ocorridas há cerca de sessenta anos atrás e enuncia uma praça pública como um importante lugar de sua infância e de outras crianças, que ali brincam. Em suas palavras, “... *antigamente era muito livre (...)*”:

Pesquisador: E aqui a senhora morava com quem?

Solange: Pai, mãe e os irmãos.

Pesquisador: São quantos irmãos, além da senhora?

Solange: Mais três. (...).

Pesquisador: Como a senhora ia até a praça?

Solange: A gente ia sozinha, porque lá é... antigamente não tinha tanta violência como tem hoje né? A gente andava sozinha. Entendeu? Comecei a estudar, ia na escola sozinha... (...).

Pesquisador: Com os irmãos?

Solange: Não, porque eu era a caçula né? Aí alguns deles já tinham tirado os estudos né? (...).

Pesquisador: E pra praça? Pra brincar?

Solange: Também. Ia sozinha. Com a turminha lá...

Pesquisador: E quem era a turminha?

Solange: Ah... a turminha era de menino (risos). Eu só andava com menino (risos). Aí a gente gostava bolinha de gude (...).

Pesquisador: E os seus pais? Permitiam que a senhora fosse para a praça, sem problemas?

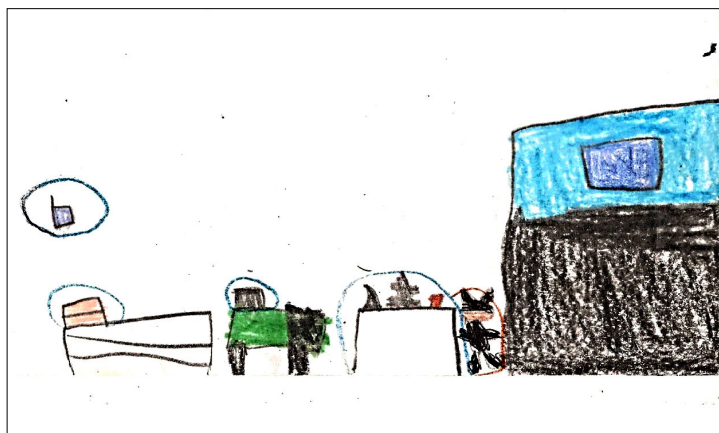
Solange: É... o pai tava trabalhando né? E a mãe não ligava não... não ligava não... porque sabia que eu não parava mesmo né? Então... a hora que dava a hora do meu pai chegar ela sabia que eu ia voltar né? Então aí... era a hora que dava fome também (risos) (...).

Nota de campo. Solange (65 anos, Juiz de Fora, 2017)

A dimensão geográfica da vivência se dá na linguagem, como uma construção simbólica que nos possibilita narrar os lugares do mundo, comunicando-os a outras pessoas. Do mesmo modo, somos constituídos também pelas narrativas sobre lugares presentes nas vivências do outro, o que nos impele a refletir sobre a diversidade do existir:

A diversidade de valor do existir humano enquanto humano pode apresentar-se somente à contemplação amorosa; somente o amor está em condição de afirmar e consolidar, sem perder e sem desperdiçar esta diversidade e multiplicidade, sem deixar atrás apenas um esqueleto nu de linhas e momentos de sentido fundamentais. (...). O desamor e a indiferença nunca geram forças suficientes para nos deter e nos demoramos sobre o objeto, de modo que fique fixado e esculpido cada mínimo detalhe e cada particularidade sua (BAKHTIN, 2010, p. 128).

Uma criança que preferiu ser chamada pela pesquisa por *Deadpool* enuncia-nos o seu quarto como seu preferido lugar de infância (Figura 2):



Fonte: Arquivo Grupegi, 2017.

Figura 2. Mapa vivencial – Deadpool.

Pesquisador: Onde for... O que você quiser. Queria que você pensasse num lugar que é muito importante pra você.

Deadpool: Pode ser em casa?

Pesquisador: Qualquer lugar.

Deadpool: Meu quarto.

Pesquisador: Então, eu quero que você então faça pra mim aqui um mapa desse lugar. Você conhece? Então vamos lá. Pode começar a fazer.

Deadpool: Não lembro como é que é.

Pesquisador: Tá bem.

Deadpool: É difícil.

Pesquisador: É difícil?

Deadpool: É cama. Um baú de brinquedo.

Pesquisador: Isso é o quê? Fala mais alto.

Deadpool: Um baú de brinquedo.

Pesquisador: Um baú de brinquedos do lado da cama?

Deadpool: É, aí tem uma espada minha. Uma arminha minha.

Pesquisador: Uma espada e uma arma...

Deadpool: Uma cômoda. E aqui tem uma maletinha pra eu guardar brinquedo.

(...)

Deadpool: E tem uma cesta de basquete aqui que meu primo pendurou pra mim.

Pesquisador: Cesta de que? De basquete? Fica pendurada na parede. Hum...

Deadpool: Só tem isso.

Pesquisador: Então que lugar é esse que você fez?

Deadpool: Meu quarto.

Pesquisador: É seu quarto. Seu quarto pra você é o lugar muito importante da sua infância. Legal. (...)

Deadpool: Minha cama, meu baú de brinquedo, minha mesinha, minha cômoda, minha maleta e minha cesta.

(...)

Deadpool: Só tem um boneco meu aqui do Batman.

Pesquisador: Ah... um boneco do Batman.

Deadpool: Ele é muito grande.

(...)

Pesquisador: Que arma que é essa?

Deadpool: É do Star Wars

Pesquisador: Hum...

Deadpool: Que eu comprei.

(...)

Pesquisador: Quem mora com você nessa casa?

Deadpool: Minha mãe, meu pai e eu.

Pesquisador: Você, sua mãe e seu pai. Você tem irmãos?

Deadpool: (gesto negativo)

Pesquisador: Não. Entendi. E aqui neste quarto o que é que você costuma fazer?

Deadpool: Eu costumo brincar com a minha pistolinha, a do Star Wars... sozinho.

Pesquisador: Hum... tá. Que mais?

Deadpool: Jogar basquete, mexer no meu computador que fica na minha mesa.

(...)

Deadpool: E tem uma latinha minha que eu guardo meus desenhos.

(...)

Nota de campo. *Deadpool* (6 anos, Juiz de Fora, 2017)

Quantas vivências caberiam nos desenhos contidos nessa latinha? Tantos lugares...! O garoto enuncia a vivência de sua infância circunscrita no quarto de uma residência familiar de classe média em Juiz de Fora. *Deadpool* brinca com seus objetos, sem a presença de outras crianças... mas brinca! Em nenhum momento da pesquisa menciona outros lugares e nem a companhia de outras pessoas. Fala sobre os objetos, fala sobre os desenhos...fala de outros humanos por meio deles.

Uma menina que prefere ser chamada por *Lady Bug* na pesquisa, apresenta-nos como seu principal lugar de infância o sítio do tio (Figura 3):



Fonte: Arquivo Grupegi, 2017.

Figura 3. Mapa vivencial – Lady Bug.

(...)

Lady Bug: Era a casa... era na piscina do tio... do meu tio (...).

(...)

Eu coloquei uma casa, uma piscina, um sol, umas nuvens, um homem com os balões, umas flores, a grama, a minha mãe e o meu tio.

Entrevistador: (...). Por que você colocou esses balões?

Lady Bug: É... pra... ficar mais bonito o desenho, e também era por causa que tinha festa... aí soltou os balões.

(...)

Entrevistador: É um lugar que você vai sempre?

Lady Bug: É... de vez em quando. Quando eu vou... que eu não tô fazendo nada e tá sol, aí a gente vai lá pra piscina nadar.

Entrevistador: Ah entendi. Então eu queria que você me mostrasse aí... e me fale uma coisa: com quem você vai?

Lady Bug: Eu vou com meu tio, com a minha avó, às vezes, com a minha

amiguinha debaixo da minha casa, é... com meu irmão, com a minha dindinha e com a minha mãe.

Entrevistador: Você tem uma amiguinha que vai com você, então?

Lady Bug: É. De vez em quando.

Entrevistador: Quantos anos tem a sua amiguinha?

Lady Bug: Ela tem onze.

Entrevistador: Entendi. E você brinca com ela lá? Ela passa o dia com você?

Lady Bug: E também tem dias que quando eu vou em algum lugar, é... ela pede pra brincar comigo ou eu peço pra brincar com ela.

(...)

Entrevistador: (...). Esses são os lugares que de você mais gosta (marcados com seta rosa)? Dentro... dentro desse sítio? Então me explica uma coisa: por que você gosta muito da casa?

Lady Bug: É porque lá dentro tem coisas legais como brinquedos, é... folhas pra desenhar, é... também tem é... eu não sei como se chama, mas é legal. Aí por isso que eu gosto lá dentro.

(...)

E a piscina que eu gosto de às vezes brincar com a minha amiga ali dentro.

(...)

Entrevistador: (...). E seu irmão também brinca com você?

Lady Bug: Brinca.

Entrevistador: Quantos anos ele tem?

Lady Bug: Quatro.

(...)

Aí as florzinhas ficavam lá e eu gostava de cheirar elas, fazer outras coisas com elas.

Entrevistador: (...). E esse aqui, você marcou por quê?

Lady Bug: Porque balão é legal, a gente pode ficar pegando eles e sair correndo e depois soltar, ou ficar jogando um pro outro sem deixar cair.

(...)

Entrevistador: (...) Quais são as brincadeiras de que vocês mais gostam lá?

Lady Bug: A gente gosta de pique-pega, pique-esconde, pique-parede, pique-alturinha, e de brincar de dar saltos na piscina.

(...)

Só que o meu irmão não brinca, porque ele não fica sem boia, e aí essa parte é mais rasa, agora essa fica funda (apontando partes da piscina).

Entrevistador: E com os adultos? Você também brinca com os adultos aí?

Lady Bug: Às vezes, meu tio me pega e me joga na piscina, ou às vezes eu, meu tio e minha avó pegamos minha mãe e jogamos ela dentro da piscina.

(...)

Entrevistador: Agora, escolha uma outra cor ou símbolo e marca pra mim as partes que você não gosta, se tiver alguma (ela marca com setas azuis).

Lady Bug: Eu não gosto de ficar na grama muito tempo quando eu saio da água.

(...)

Eu também não gosto de muito sol, e não gosto de... dessa parte aqui da casa (indica no mapa).

Entrevistador: (...) Por que você não gosta?

Lady Bug: Eu não gosto de muito sol quando eu tô na piscina, ou saio da piscina

porque senão eu fico toda vermelha, e vou ficando mais morena.

Entrevistador: (...). Tem algum lugar que você não pode ir sem um adulto?

Lady Bug: Eu não... aqui tem um negócio que vai muito pra lá e tem perigo de cair... pra cá (indica no mapa).

(...).

E também pra cima também tem a outra é perigosa. E também brinca é... aqui fora que também é perigoso sozinha.

Entrevistador: Do lado de fora do sítio? Entendi. Mas aí, mesmo não podendo, vocês de vez em quando vão?

Lady Bug: De vez em quando, quando minha mãe tá na sala, ela ficando olhando a gente de lá e a gente pode ir.

Entrevistador: Entendi. de

Lady Bug: Quando tá de noite ela fica com medo.

Para uma criança moradora de uma cidade média como Juiz de Fora/MG, um sítio pode se configurar como um espaço de amenidades e lazer com grande apreço. Lá *Lady Bug* brinca, diverte-se com o irmão e com a amiga, sob o olhar vigilante dos adultos. É uma vivência muito diferente daquela de Solange, que brincava com a turma na rua, na praça, entre as crianças, até na hora em que sentisse fome.

Quando acessamos o lugar de infância pelos mapas de Solange e *Deadpool*, somos impelidos a pensar que, talvez, o tempo presente reúna elementos que afastam as crianças das praças e ruas das cidades médias e grandes no Brasil. Aquele brincar não parece ser mais possível à geração do tempo presente. Contudo, não cabe aqui uma perspectiva valorativa sobre as infâncias e seus lugares. O que eles nos permitem é reafirmar que são muitas infâncias, tantas quantos forem os contextos histórico-geográficos.

A segunda experiência ocorreu no território paulista, mas especificamente na cidade de Rio Claro (SP), resultado de um curso de formação docente para professores pedagogos. Tal formação se iniciou em fevereiro de 2018 e foi finalizada em maio de 2019. A carga horária do curso foi distribuída em 120 horas, sendo 80 horas cumpridas presencialmente e as 40 horas restante, foram destinadas a leituras de artigos científicos, capítulos de livros e livros que se relacionavam com o tema específico da formação.

Convém destacar que, nos encontros presenciais, o período matutino era destinado às discussões teóricas e metodológicas e o período vespertino era utilizado para a execução de atividades práticas e para a elaboração de materiais didáticos. Essa exposição será apenas um recorte desse curso de formação, mas que se faz necessário ilustrar a sua dinâmica metodológica.

Para ilustrar a relevância das “Cartografias como as Estéticas do Viver”, optamos por demonstrar a utilização de cartografar e produzir maquetes das vivências, como forma de enriquecer a Geografia nos anos iniciais.

Nesse sentido, sugerimos às professoras que tirassem uma fotografia do lugar da escola do qual elas mais gostavam e trouxessem para a formação. Solicitamos que fizessem em dupla o registro de vivência, em uma folha e que, no verso, fizessem a narrativa do lugar escolhido por elas. Posteriormente, requisitamos aos docentes que a fotografia fosse transformada em uma maquete.

Após a realização desses registros, narrativas e as maquetes, demonstramos as criações das professoras cursistas. Conforme podemos observar nas Figuras 4, 5, e 6 dispõem-se em sequência a fotografia do lugar mais querido da escola pelas docentes, o mapa e a maquete.

Segundo a narrativa do mapa das professoras, esse relato vai muito além de uma simples ilustração.

Relato das docentes:

Escolhemos a porta de entrada da E.M. Dante Egrégio como seu local preferido. Essa fachada representa para as duas uma nova fase de suas vidas. Ambas procuravam, no início de 2018, mudanças em suas vidas profissionais. Essa busca por novos caminhos encontrou, nas portas abertas da Escola Dante Egrégio, respostas para as angústias e inseguranças pelas quais ...[as professoras]...vinham enfrentando até o final de 2017. Portas haviam sido fechadas para as duas, mas um “belo portão” colorido, alegre, disponível abriu-se para essas professoras que foram recebidas de braços abertos e encontraram vida nova para recomeçar com vigor e poder fazer aquilo que AMAM... EDUCAÇÃO!!! (MAIA, 2019, p. 85-86).



Fonte: Maia, 2019.

Figura 4. Fotografia do lugar preferido da escola.



Fonte: Maia, 2019

Figura 5. Mapa vivencial realizados pelas docentes.



Fonte: Maia, 2019.

Figura 6. Maquete do lugar mais afetivo da escola.

Nos materiais produzidos pelas professoras (Figuras 4, 5 e 6), é possível perceber a importância da *perejivane* (vivência); que a porta de entrada da escola retratava, para as professoras, um recomeço, uma nova vida, sempre recorrendo às sensações do amor à profissão docente e do *ato responsivo* de serem bem-recebidas na unidade escolar, independente dos fatos que geraram a chegada das docentes.

Um destaque que gostaríamos de ressaltar nas narrativas das professoras, foi o de que a escola, antes de ser um grande aliado dos alunos na construção dos conhecimentos, pode ser também um local de acolhimento dos professores que estão passando por dificuldades profissionais e pessoais. A maquete vivencial representa o imenso carinho que as docentes possuem pela escola que proporcionou o seu acolhimento.

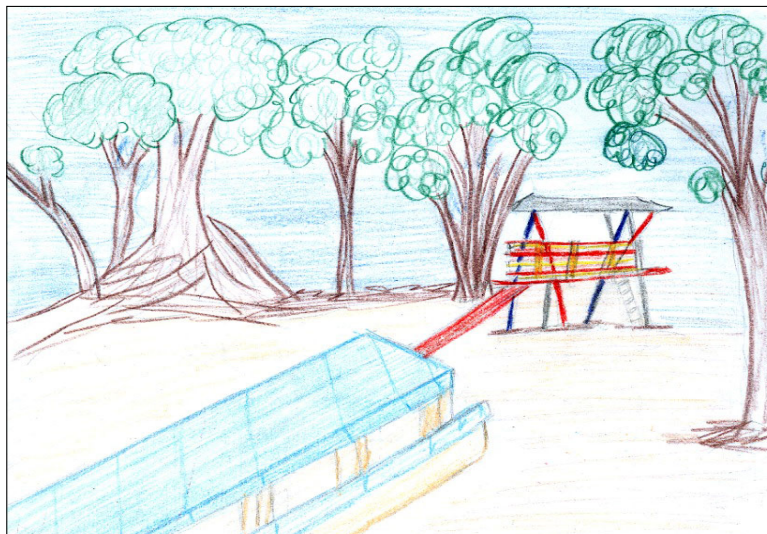
Ao analisar a Figura 7, visualizamos a fotografia de um parquinho de escola, escolhido por uma docente, como o seu local favorito.



Fonte: Maia, 2019.

Figura 7. Fotografia do parque da escola.

Nas Figuras 8 e 9 serão demonstrados os mapas mentais e a maquete vivencial. Em seguida, apresentaremos a narrativa elaborada pela professora.



Fonte: Maia, 2019

Figura 8. Mapa vivencial do parquinho da escola.



Fonte: Maia, 2019

Figura 9. Maquete vivencial do parquinho da escola.

Escolhi o parque da escola, pois é o local em que mais me sinto bem. As crianças se divertem e gostam muito. As crianças e os adultos sentem-se mais próximos da natureza. Nosso parque tem uma mesa imensa, que podemos usar para fazer inúmeras atividades e também os nossos piqueniques. Temos várias árvores frutíferas, um exemplar de pau-brasil e uma imensa figueira centenária (MAIA, 2019, p. 90).

Nesse relato, juntamente com os mapas e a maquete vivencial é visível a importância das áreas de lazer nas unidades escolares, os chamados “parquinhos”. O relato representa uma grande maioria de professoras que remetem ao parquinho como seu local favorito, tendo como justificativa a presença na natureza e do trabalhar ao ar livre.

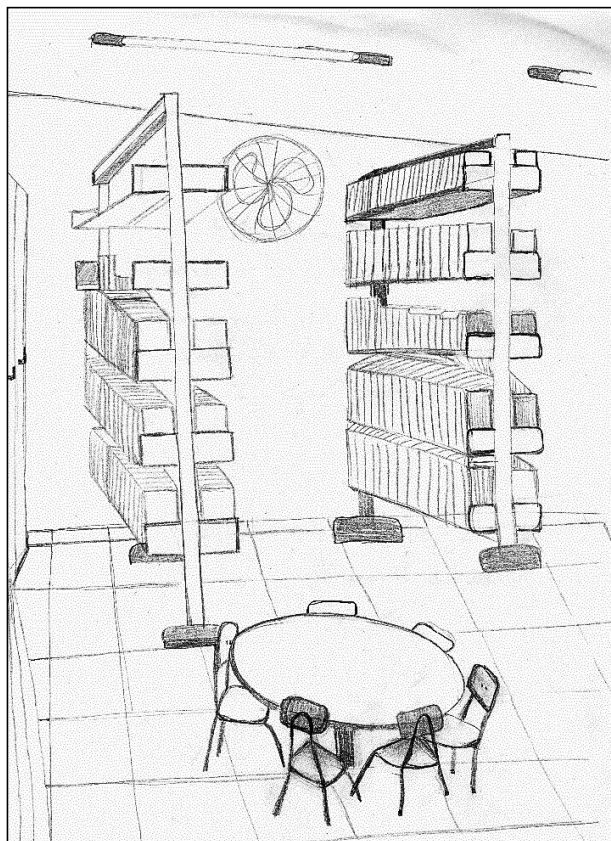
O ato de brincar das crianças faz com que o espaço seja motivo de alegria e descontração para as professoras. Vivemos num período, em que a escolarização precoce vem prejudicando a vivência das crianças nas escolas; portanto, vejo uma militância clara nas obras das professoras, *MENOS SALA DE AULA E MAIS PARQUINHOS PARA OS ALUNOS*.

Eu não poderia deixar de mostrar esse mapa vivencial da Figura 10, visto que ele representa uma projeção de esperança para os alunos e professores. À primeira vista pode parecer uma paisagem estática e restritiva, no entanto, a biblioteca no mundo atual representa o mundo vivo impresso nas folhas dos livros. Na narrativa do mapa vivencial, a docente descreve a vivência da biblioteca.

Onde sua realidade vai ao encontro aos sonhos e imaginação. Podemos conhecer o mundo através das palavras e imagens os livros nos trazem (MAIA, 2019, p. 90).

Os mapas e as narrativas das vivências analisadas, corroboram as alegações de Lopes, Costa e Amorim (2016, p. 252), onde suas “[...] falas, textos e até mesmo o desenho feitos dão ao mapa vivencial uma conotação processual e de inacabamento”

Os mapas e as maquetes produzidos pelas docentes, conforme as considerações de Lopes, Costa e Amorim (2016), amparados nas ideias de Bakhtin (1993) trazem uma polifonia, rompendo com as representações impostas pelos mapas tradicionais, nos quais são transmitidos apenas um ponto de vista.



Fonte: MAIA, 2019

Figura 10. Mapa vivencial da biblioteca da escola.

A utilização de mapas e maquetes vivenciais nas atividades da formação, demonstram as potencialidades de cada dispositivo e suas potencialidades didáticas. O grande desafio para o grupo da formação era enfatizar que cada mapa, fosse ele mental ou vivencial, possuía uma episteme que os subsidiava, fortalecendo assim, os aspectos teóricos metodológicos das atividades formativas.

A descrição dessas duas produções de campo, ancoradas em pesquisas e formações, apontam para aproximar o conceito de *vivência* elaborado pela Teoria Histórico-cultural e as diversas formas de registrar o mundo vivido, entre eles, a cartografia. A diversidade e diferenças nas formas de habitar o mundo, vivenciar os espaços, as variedades de tempo, as muitas temporalidades constituem enunciações próprias e singulares de se viver nesse mundo e a cartografia de campo de conhecimento não pode prescindir disso.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. **Para uma filosofia do ato responsável**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010
- COUTO, M. **E se Obama fosse africano? e outras interinvenções**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- LOPES, J. J. M. O ser e estar no mundo: a criança e sua experiência espacial. *In*: LOPES, J. J. M.; MELLO, M. B. de. **O jeito de que nós crianças pensamos sobre certas coisas: dialogando com as lógicas infantis**. Rio de Janeiro: Rovellet, 2009.
- LOPES, J. J. M.; COSTA, B. M. F.; AMORIM, C. C. Mapas vivenciais: possibilidades para a Cartografia Escolar com as crianças dos anos iniciais. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, v. 6, p. 237-256, 2016.
- LOPES, J. J. M.; MELLO, M. B. C.; LIMA, M. F. C. **Por que rimos das crianças?: o pesquisar com e os desafios da escuta**. No prelo.
- MAIA, D. C. **Por uma Geografia mais colorida: formação docente e práticas educativas nos anos iniciais**. 2019. (Livre docência em Ensino de Geografia) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, UNESP – Rio Claro (SP), 2019.
- PRADO, A. **Poesia reunida**. São Paulo: Siciliano; 1991.
- RAMIL, V. **A estética do frio: conferência de Genebra**. Pelotas: Satolep Livros, 2004.
- SANTOS, B. de S. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. **Revista Crítica de Ciência Sociais**, n. 63, p. 237-280, out. 2002. Disponível em: http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/pdfs/Sociologia_das_ausencias_RCCS63.PDF Acesso em: 20 jan. 2021.
- VIGOTSKI, L. S. **Sete aulas de L. S. Vigotski sobre os fundamentos da pedologia**. Rio de Janeiro: E-papers, 2018.